

AS ACADÊMICAS'

IMPRESSO CULTURAL

abril/2016 – Ano 18 - Nº219

Editoras: Regina Menezes Loureiro e Maria José Menezes

EDITORIAL



Todo homem é culto.

Algumas pessoas tratam a cultura como se fosse conhecimento aprofundado, tão esmerado ou acadêmico que chega a ser considerada como privilégio de alguns, gerado entre as paredes de uma universidade.

Para mim, cultura não é também privilégio de uma casta de artistas que buscam promoção e riqueza fácil.

Cultura diz respeito à humanidade e a cada um dos seres humanos. A experiência cultural é um bem comunitário que deve estar à disposição de todos para o bem comum.

Falar em cultura é falar das realizações da mão humana, é falar da construção social, dos modos de vida de uma sociedade. Não é algo estático nem definido. Está em constante mudança.

Considerando que o mais humilde membro de uma sociedade pode, com seus conhecimentos até completar uma teoria, a FEIRA LITERÁRIA CAPIXABA-FLIC-ES busca somar todas as experiências dos capixabas para enriquecer ainda mais o patrimônio cultural desta nossa Terra.

Aproveitar toda experiência acumulada e ainda não reconhecida como manifestação rica de valores e experimentações é também o nosso objetivo.

“Maria Stella de Novaes, nossa cientista maior, historiadora, escritora, educadora, pintora” será a homenageada durante a IV FEIRA LITERÁRIA CAPIXABA que será realizada de 17 a 21 de maio de 2017.

A nossa capacidade de sonhar é que manterá a FLIC viva. Sonhemos generosamente sobre o futuro da FLIC.

Regina Menezes Loureiro

Cauby e a Conceição

(Cauby Peixoto, 10 de fevereiro 1931 - 15 de maio, 2016)

Vivo ou morto o Cauby

Será lembrado em nossa casa

Onde temos uma Conceição

que foi sempre o alvo de nossas cantorias:

"Conceição, eu me lembro muito bem

Vivia no morro a sonhar

Com coisas que o morro não tem..."

Mas a minha irmã Conceição
nunca morou no morro nem nunca

se queixou do cantor-compositor,

que agora vai fazer falta

nos palcos do mundo inteiro!

Cauby voltou para o morro do céu

deixando nas cidades

as suas famosas canções.

Teresinka Pereira

ESCOLHAS

O que se perde sendo civilizado?

O que se ganha sendo descortês?

O que se perde sendo modesto?

O que se ganha sendo esnobe?

O que se perde sendo altruísta?

O que se ganha sendo egoísta?

Rubens Leone-São Paulo

Remetente: Regina M. Loureiro

reginamenezesloureiro@gmail.com

R.Chafic Murad,54/702,Bento Ferreira, Vitória, ES Cep. 29050-660 - Tel.(27)3207-2562/99224-2386

www.reginaloureiro.com

NOSSAS VIDAS

Nossas vidas

Pobres vidas!

A minha é tão sofrida,

A tua ... Ah! A tua não sei.

Imagino que seja triste.

É romântica, sentimental

Mas, estás sozinha, eu sei!

Eu estou sem amor

Mas tenho amizades.

Tu mereces a felicidade

O bem,

Mas... estás cercada de falsidade!

Falsidade!

Que separou a gente,

E, mesmo apaixonados

Estamos sofrendo!

Estamos vivendo

E...

Vamos morrer separados.

Antônio Pereira Mello-SM/RS

AGRADECIMENTO

Aos amigos.

Até aqui estivemos juntos!

Foram muitos os sonhos
compartilhados...

Na poesia saltamos grandes
obstáculos, saudamos a vida,
a morte, o presente e o
passado.

Frequentes foram as
dificuldades e vocês nos
ajudaram a transpor
abismos...

Que os 20 anos de
experiências compartilhadas
tragam sempre lembranças
alegres.

O nosso agradecimento.

Regina

FESTA DA PENHA

A Festa da Penha é a festa religiosa mais tradicional das Américas. Acontece há 446 anos, desde 1570. Para celebrar a primeira festa, Pedro Palácios mandou buscar em Portugal a imagem de Nossa Senhora da Penha, ainda venerada no altar-mor. Em uma caixa chegaram a cabeça, as mãos e o Menino Jesus. O frade improvisou o corpo com madeira da mata e pôs-lhe vestido e manta.

O Convento alcançou o aspecto atual no princípio do séc. XX, quando ganhou (após tombamento pelo Iphan) a grande chaminé da fachada norte.

Na preparação do altar para a inauguração (1910), a família do governador tomou para si o encargo.

Quando foram arrumar a imagem de Nossa Senhora da Penha, viram que ela estava careca. Havia sobre sua cabeça apenas lenço e coroa. Uma cabeleira foi providenciada: cortaram as tranças de uma das sobrinhas do governador. A menina chorou, mas foi consolada pela babá que garantiu: “Não chore minha fia. Você deu o cabelo, ela lhe dará boa cabeça.”

A menina era Maria Stella de Novaes, nossa cientista maior, historiadora, escritora, educadora, pintora e iniciadora de Augusto Ruschi nos mistérios das orquídeas, o que o levou aos (polinizadores) beija-flores e daí à ecologia.

Kleber Galveas, pintor. Leia todo o texto, em www.galveas.com ateliê@galveas.com abril/2010

NOSSAS HOMENAGENS

Katia Bobbio

Capixaba de Conceição da Barra, Kátia Bobbio teve o primeiro contato com a literatura de cordel numa fêria na Bahia. Gostou tanto que logo resolveu experimentar com o folclore capixaba. "Conceição da Barra é um lugar repleto de manifestações folclóricas ricas, como o Ticumbi e muitas outras", esclarece a escritora. A experiência e todo conhecimento que tem sobre a cultura capixaba, ela consegue transpor em seus trabalhos. Kátia é pintora, poetisa, declamadora e bacharel em direito.

MARLUSSÉ PESTANA DAHER

Prezados (as) amigos (as)

Sinto-me muito honrada, porque fui indicada ao Troféu Rio 2016, da prestigiada UBE/RJ.

Momento significativo na minha vida de trabalho na área cultural, literária, artística; acesso aos livros e à leitura em cidades mineiras e estados brasileiros, há mais de duas décadas.

Os currículos dos dois outros indicados são primorosos!

Ser indicada é reconhecimento e premiação.

Gostaria de solicitar seu apoio, enviando voto para:

trofeuriuberj.2016@gmail.com

OSCLÁRIO

À Eunice

No ósculo há o deserto das palavras,
imagens que o tempo não guardou,
espelhos que refletem muita história,
vitória vencida que ficou...

No corpo, vago, virgem de desejos,
segredos das lembranças
restaram sonhos, cores, beijos...

O amor que, enfim, se transformou.

No ósculo livre da imagem,
passagem que em mim desembocou,

é o rio que passou como viagem
na flor floriu, desabrochou...

Walmor Dario Santos Colmenero-
São Paulo publicada em *ESCRITOS-
Zine Poético*

AMOR PROIBIDO

Te amo que ninguém saiba
Te quero que ninguém desconfie
Te nego só para os amigos
Te olho que ninguém perceba
Te canto que ninguém escute
Te sinto que ninguém pressinta
Te recito bem baixinho: - te amo
Te digo dolorosamente – estou perdido!
O que fazer com esse amor proibido?

Igor Vitorino da Silva-Nova Andradina

A VERDADE

Certa vez, um rei sonhou que havia perdido todos os dentes. Acordou assustado e mandou chamar um profeta para interpretar o sonho.

“Que desgraça Senhor! Cada dente caído representa a perda de um parente de vossa majestade”

Que insolente, gritou o rei. Como se atreve dizer tal tragédia? Levem e castiguem este homem. E chamem outro profeta.

O outro profeta escolhido disse: “Senhor, uma grande felicidade vos está reservada! O sonho revela que ireis viver mais que todos os vossos parentes!”

A fisionomia do rei se iluminou e ele mandou dar cem moedas de ouro para o profeta.

Todos se questionavam porque o profeta que faz a mesma previsão recebeu moedas de ouro, enquanto o outro recebeu castigo?

A maneira como se fala uma mesma coisa, pode criar a paz ou a guerra. Tudo depende da sabedoria de cada um.

*Colaboração de Maria Alice F. da Silva em CORREIO DA PAZ-
Brasília - DF*

A INCAPACIDADE DE SER VERDADEIRO.

“Paulo tinha fama de mentiroso. Um dia chegou em casa dizendo que vira no campo dois dragões da independência cuspidos fogo e lendo fotonovelas. A mãe botou-o de castigo, mas na semana seguinte ele veio contando que caíra no pátio da escola um pedaço de lua. Desta vez Paulo não só ficou sem sobremesa, como foi proibido de jogar futebol durante quinze dias. Quando o menino voltou falando que todas as borboletas da Terra passaram pela chácara de Siá Elpídia e queriam formar um tapete voador para transportá-lo ao sétimo céu, a mãe decidiu levá-lo ao médico. Após o exame, o Dr. Epaminondas abanou a cabeça:

– Não há nada a fazer, Dona Coló. Este menino é mesmo um caso de poesia”.

(Fonte: ANDRADE, Carlos Drummond de. *A incapacidade de ser verdadeiro. Em: Poesia e prosa. Rio de Janeiro Aguilar, 1988.*)